



**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

## **O adoecimento docente decorrente de uma vasta desvalorização do magistério**

*Teacher illness resulting from widespread devaluation of the teaching profession*

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade evidenciar a desvalorização da profissão docente no contexto brasileiro e suas possíveis causas e consequências, bem como salientar a baixa remuneração dos profissionais, a intensificação do trabalho, a forte presença de mulheres no magistério e a tendência à maternização da educação. Além disso, por meio deste texto, procura-se fazer uma investigação acerca do adoecimento provindo da área geográfica de atuação, a qual, partindo de uma perspectiva socioeconômica, permite sinalizar a realidade de professores que trabalham em ambientes marcados pela violência. Para atingir esses objetivos, foi utilizada a revisão literária sobre os temas pesquisados e analisados.

**Palavras-chave:** Desvalorização docente; Baixa remuneração; Adoecimento mental.

**Abstract:** This article aims to highlight the devaluation of the teaching profession in the Brazilian context and its possible causes and consequences, as well as highlighting the low remuneration of professionals, the intensification of work, the strong presence of women in teaching and the trend towards the maternization of education. In addition, through this text, it is sought to make an investigation about the illness coming from the geographical area of operation, which, from a socioeconomic perspective, It allows to signal the reality of teachers who work in environments marked by violence. To achieve these objectives, the literary review on the topics researched and analyzed was made.

**Keywords:** Devaluation of teachers; Low remuneration; Mental illness.

### **1 Introdução**

O magistério brasileiro tem sofrido com diversas modalidades de desvalorização, sendo algumas: a econômica, a social e a psicológica (Santos, 2015). Este acontecimento ocorre, aproximadamente, desde uma dívida histórica originária da implementação da lei de 15 de outubro de 1827 — que, entre diversos fatores, buscava promover a garantia à





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

remuneração de professores e mestres —, a qual teve sua efetivação com o piso salarial apenas em 2008, através da lei 11.738 (Souza; Brasil; Nakadaki, 2017), com um atraso de 181 anos. É possível apontar a falta de sensibilidade da sociedade de forma geral em relação à valorização e providência de dignidade à atuação do educador, com base nas evidências trazidas por Santos (2015), ao explicitar os tipos de desvalorização do trabalho docente.

Um exemplo de desvalor é explicitado por meio da tentativa de maternização do magistério a que são acometidas professoras em todo o Brasil, em função da idealização de mulheres serem inerentemente maternais e, por isso, terem um cunho cuidadoso em seu cerne ao lidar com a educação (Louro, 2009). Com base nisso, Evangelista (2017) traz reflexões sobre o educador arcar com responsabilidades escolares as quais não são suas de fato. Assim, é entendido que o ímpeto de maternizar a educação afeta a responsabilidade do professor sobre seus estudantes, de forma a trazer uma conotação parental à profissão.

No contexto social em geral, Santos (2015), por sua vez, aponta que outra maneira pela qual o desvalor pode ocorrer é através do desprestígio da profissão. É possível caracterizar esse fenômeno tanto pelo descaso social quanto pelo econômico, este referindo-se à tendência à má remuneração; e aquele, à carência de admiração e respeito por um ofício. Essas são consideradas formas de desvalorização, porque, na sociedade atual, o prestígio por algo é atribuído, majoritariamente, a partir de uma perspectiva financeira. Portanto, quando funcionários recebem um salário desproporcional à sua função, o prestígio social tido por estes pode ser minimizado (Santos, 2015).





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

Já o descaso psicológico provém de circunstâncias de ordem socioeconômica que geram a depreciação mental do docente. O profissional pode adoecer ou, de certa forma, acabar desistindo da profissão por buscar melhorias nas condições financeiras e sociais e uma ocupação na qual seu trabalho não seja menosprezado de nenhuma maneira. Assim, entende-se que os desprestígios econômico e social podem impactar diretamente no psicológico e, assim, no adoecimento do professor, um dos objetos desta pesquisa. Por conseguinte, com base neste e demais aspectos da realidade educacional do Brasil pesquisados, trazemos alguns questionamentos sobre a desvalorização voltada aos educadores — em especial, àqueles empregados em áreas demarcadas pela violência — e suas consequências perante seu adoecimento.

## **2. Contextualização sócio-histórica**

A seguinte contextualização abordará os diferentes tipos de desvalorização do professor mais comumente apresentados no cotidiano brasileiro, com o intuito de tentar explicitar e compreender as razões históricas as quais acarretaram em uma profissão estigmatizada, mal remunerada, desvalorizada e que acaba por afetar negativamente a saúde psicológica de seus trabalhadores.

### **2.1. A gradativa desvalorização do trabalho docente no Brasil**

A educação brasileira é percebida de diferentes formas pela sociedade, porém, decerto, uma mudança brusca ocorreu em relação ao valor dado aos educadores. Sabe-se que o sistema educacional é tido como um agente salvador por seus usuários, haja vista





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

sua responsabilização em trazer transformações na vida de crianças, jovens e adultos de todo o país (Souza; Brasil; Nakadaki, 2017). No entanto, é de suma importância frisar que esse teor salvacionista não é imposto apenas às unidades escolares e à educação como um todo, mas também aos seus profissionais, entre os quais, neste artigo, o foco é voltado aos professores. Além disso, as consequências desta visão serão abordadas no tópico posterior, trazendo a conotação da realidade prática em que atuam esses trabalhadores estigmatizados e pouco valorizados por quem usufrui de seus serviços.

Apesar de enfrentar a influência de mudanças externas, a importância da educação ainda é inquestionável perante a sociedade, considerando a ideia de tudo poder transformar ao dar para o indivíduo uma nova chance de ascender economicamente em sociedade (Souza; Brasil; Nakadaki, 2017). Assim, entende-se que, ao terminar seus estudos e ser integrada ao meio social enquanto uma nova trabalhadora, a vida de uma pessoa poderia mudar de rumo, como resultado da formação adquirida. Portanto, pode-se afirmar que, adquirindo certo nível de escolaridade, é ofertada a oportunidade de mudança no *status* social.

É importante compreender que, ao pensar nos ideais impostos à educação brasileira, os professores são tidos como os responsáveis por promover o atendimento a essas demandas. Dessa forma, sua responsabilidade se estende para além do simples ensinar, caminhando em rumo à formação do ser humano. Para entender esse fenômeno, Santana *et al.* (2020, p. 42285), afirma: “educação como ‘patrimônio da humanidade’ que incide no processo de formação humana, do ponto de vista do desenvolvimento do conhecimento do sujeito, assim como, o processo de libertação, através da construção do





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

‘saber’”. Porém, em diversas vezes, as imposições feitas por agentes externos à realidade da escola e do professorado são ilusórias e inalcançáveis. Logo, quando esses objetivos não são atingidos, os docentes são culpabilizados, e se descartam completamente quaisquer outros fatores passíveis de contribuição em tal atraso ou inconclusão. Para exemplificar, tais contribuições podem ser a localidade onde se inserem, problemas em casa, infraestrutura precária da escola e demais condições as quais podem influenciar no desempenho esperado.

Responsabilizando integralmente à docência, algumas consequências são obtidas, como a desvalorização do profissional em termos econômicos, sociais, psicológicos, morais, entre outros (Santos, 2015). Isso pode gerar uma autocobrança exacerbada por parte dos profissionais atuantes nessa área, fazendo-os assumir demandas as quais não são suas por contrato, mas passam a ser por um viés do senso comum. Esse fenômeno culmina, pois, na intensificação das incumbências do professor, podendo ocorrer de diversas maneiras, como pela jornada dupla ou, às vezes, tripla de trabalho a fim de obter um salário capaz de suprir suas necessidades e trazer lazer ao dia a dia. Porém, contraditoriamente, em muitos casos, é impossível ser trazido justamente por não existir tempo hábil, diante da rotina intensa, para aproveitar a oportunidade.

Além disso, pensar que o trabalho dos professores se dá apenas em sala de aula é um erro lastimável. Planejar aulas, preparar e corrigir provas e fazer sequências didáticas são exemplos de ocupações integradas à atuação docente, as quais não são levadas em consideração por agentes externos e, muito menos, por quem define os salários desses profissionais. Entretanto, as atividades englobadas pela maternização da docência, nas





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

quais a criança se torna alguém de quem os educadores precisam cuidar de uma forma parental, são facilmente constatadas nos momentos de cobrança por seus serviços à educação. Sobre essa atitude maternal no magistério, Louro (2009) evidencia:

Afirmavam que as mulheres tinham, "por natureza", uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e "naturais educadoras", portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, "a extensão da maternidade", cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha "espiritual" (Louro, 2009, p. 8).

Parafraseando a reflexão trazida pela autora, é imprescindível pensar a posição das mulheres na educação, porque, ainda que a história seja conturbada, a presença feminina nesse espaço se faz cada vez mais notória. Apesar disso, ainda existe a necessidade de investigar como a desvalorização pode acometer, talvez, de forma mais acentuada esse grupo desfavorecido<sup>11</sup>. Nesse ínterim, para compreender em sua totalidade as nuances do desvalor sócio-histórico, é imperativo ponderarmos, inclusive, a existência (ou resistência) de mulheres no magistério em ambientes hostis, demarcados por violência, visto que elas, por uma perspectiva arcaica, já têm o dever de cumprir um "papel de mãe" em sala de aula (Louro, 2009). Assim, instaura-se o questionamento: "a que nível chega sua responsabilização social sobre seus alunos?"

Paralelo a isso, a respeito da responsabilização de forma geral, Evangelista (2017, p. 10) destaca em uma de suas obras que "embora o *slogan responsabilização docente*

<sup>11</sup> Entende-se, neste artigo, por "grupo desfavorecido" como um conjunto de pessoas desfavorecidas em termos de direitos sociais e trabalhistas efetivamente implementados e praticados.





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

aposte no ‘empoderamento’ docente, o que esconde, justamente, é um profundo processo de fazer o professor arcar com consequências escolares, econômicas, sociais que não são de sua alçada”. Portanto, ao explicitar a tentativa de maternização da educação, é possível entender que esse fenômeno decorre do teor salvacionista, anteriormente mencionado, associado à docência. Por outro lado, ampliando o olhar para os diversos tipos de desvalorização, abordaremos, respectivamente, as desvalorizações: econômica, social e psicológica. Dessa forma, é possível perceber como e por que essa descredibilização é tão enraizada na nossa sociedade atualmente.

A baixa remuneração em um trabalho o qual é extremamente desgastante — vide sua intensificação crescente — traz um teor de indignidade ao profissional da área. No modelo de sociedade em que vivemos, ter uma renda alta traz dignidade ao trabalhador, portanto, quando isso não ocorre em determinada profissão, ela passa a ser socialmente descredibilizada, ou seja, vista como inferior aos olhos da sociedade (Santos, 2015).

Segundo, ainda, Santos (2015), a baixa remuneração salarial pode ser usada de maneira semelhante a um mecanismo punitivo e de controle das massas. No qual, por intermédio do baixo salário, conteria e impediria a ocorrência de manifestações organizadas de reivindicação por melhorias de condições, como indica no trecho a seguir:

Torna-se uma forma indireta de negar o direito à cidadania e de manifestação democrática e no percurso dessa desvalorização a educação sente as consequências na baixa qualidade, devido à impossibilidade econômica de qualificação dos professores (Santos, 2015, p. 351).





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

Portanto, é nítido que a baixa remuneração está relacionada à intenção de fazer certos grupos já desfavorecidos permanecerem nas mesmas condições precárias de trabalho e salário. A exemplo disto, Louro (2009) descreve uma possível motivação para mulheres serem consideradas suscetíveis ao baixo salário no magistério:

Tudo foi muito conveniente para que se constituísse a imagem das professoras como “trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras”, o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc. (Louro, 2009, p. 5).

Ademais, a depreciação econômica está intrinsecamente associada ao descaso social ao qual a profissão docente no Brasil é acometida, pois o “prestígio social liga-se à estima, que é um valor” (Santos, 2015, p. 353). A valorização em sociedade, então, é entendida enquanto a admiração e o respeito tidos por um grupo perante um determinado cargo (Santos, 2015). Dessa maneira, em outras palavras, no atual contexto brasileiro, a baixa remuneração é sinônimo de baixo prestígio social. Logo, ao passo que a sociedade em sua maioria rotula um posto como “sem valor”, “inferior” ou, até mesmo, “insignificante”, o apreço pelos profissionais desta área torna-se cada vez menor, até chegar ao ponto no qual ele descenderia, podendo causar um colapso da profissão (Santos, 2015).

Uma forte motivação à sucessão deste tipo de desprestígio é a capitalização da educação, como apontado por Araújo e Pimentel (n.d): “Estes trabalhadores seguem instruções de como devem trabalhar, pensar, agir e o que devem saber; transformando o conhecimento e a formação humana em ‘Capital Humano’”. Professores têm a obrigação





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

de “obedecer” ao currículo imposto, o qual se torna anti-conteudista e faz os alunos, bem como os responsáveis destes, enxergarem aqueles feito profissionais que não exercem sua função de maneira adequada. Isso porque os aprendentes consideram o ensino “de baixa qualidade”, e, por essa razão, não encontram fundamentos para a admirarem.

Em decorrência da visão social acerca do magistério e sua falta de respeito pela profissão, os educadores tendem a perder o sentido em continuar no professorado (Santos, 2015, p. 354). Assim, a desvalorização começa a ter influência no interior de cada sujeito, podendo provocar consequências adversas ao seu psicológico, como a Síndrome do *Burnout*, por exemplo.

A autoestima do professor, o senso de pertencimento à função e as dúvidas sobre estar ou não fazendo algo importante e impactante para os alunos, tornam-se um fardo. No ramo docente, devido à construção histórica de seu cunho transformador, há uma propensão ao surgimento, em educadores, da sensação de estar falhando em suas obrigações, quando não impressionam e/ou comovem os estudantes. A fim de uma melhor compreensão sobre, Prigol e Behrens (2020), destacam uma importante comparação entre as obras de Freire e Morin, as quais explicitam esse cunho transformador:

Sobre o papel do professor, os dois autores enfatizam posturas que se integram, como a importância da ética, da afetividade e da visão multidimensional da realidade. O encontro de pensamento dá-se também na contextualização, na aprendizagem de coparticipação, para que os conteúdos superem a superficialidade para serem significativos para a vida (Prigol; Behrens, 2020, p. 20).





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

Diante disso, a autodesvalorização profissional e a cobrança externa colaboram para o adoecimento docente, de maneira a acarretar um grande contingente de professores optando pela desistência deste campo de atuação (Carrasqueira; Kolinski, 2021). Ao abandonar a profissão docente, os professores podem estar à procura de melhoria na sua condição financeira e tempo hábil para usufruir do lazer com sua família (Santos, 2015). Dessa forma, procuram-se outras profissões, ainda, no campo da educação, mas que sejam melhores prestigiadas (Souza; Brasil; Nakadaki, 2017).

Considerado uma das formas de adoecimento, o *Burnout*, previamente citado, é um esgotamento total (psicológico, emocional e físico) do indivíduo, o qual viabiliza declínios na produtividade e qualidade de vida do trabalhador (Oliveira; Silva, 2021, p. 276). Segundo as autoras Oliveira e Silva (2021, p. 273), o estresse pode colaborar para sentimentos de desvalorização, “a julgar pelo fato das deficiências encontradas no trabalho escolar, como a falta de infraestrutura, baixos salários e até mesmo a precariedade dos materiais didáticos”. Dessa forma, é possível evidenciar que diversos fatores contribuem para a exaustão, como a infraestrutura precária, que acaba por exigir um esforço maior do profissional.

Portanto, o esgotamento ocorre não só por lidar com a sala de aula, a intensificação das tarefas e as diversas formas de desprestígio desenvolvidas neste artigo, mas também pelo contexto em que o educador está inserido. Tal percepção, possibilita o questionamento acerca do impacto desse amontoado de condições — comumente promotoras de um agravamento no quadro clínico dos docentes — somado ao cenário de um professor que, responsabilizado por uma turma cheia, precisa manejar o cuidado e a





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

garantia à preservação da integridade de seus alunos (e de si próprio) em um ambiente hostil, onde a violência se tornou algo cotidiano. Essa é a realidade possível de ser encontrada, por exemplo, em comunidades recorrentemente receptoras de ações militares, as quais culminam em trocas de tiros passíveis de atingir uma escola próxima.

Posto isso, percebe-se a necessidade de refletir e analisar o peso desses eventos para o profissional que, por diversas vezes, sofre graves consequências e, ainda assim, é invisibilizado perante a sociedade ao tentar tratar de assuntos como o adoecimento, a responsabilidade pela segurança e bem-estar discente e o desvalor atribuído a sua profissão. E uma das evidências desse acontecimento é a escassez em pesquisas sobre docentes atuantes em locais com a forte presença do tráfico ou, conforme exemplificado, da ação militar, situações as quais promovem insegurança física e psicológica à escola e aos demais habitantes da região. A respeito, destacamos, então, o que diz Santos (2018, p. 31): “as diversas relações existentes na sociedade contribuem para que a violência mereça um estudo menos simplista e que observe os elementos subjetivos e empíricos para a sua compreensão e análise”.

### **3 Consequências da desvalorização do magistério**

Um evidente exemplo de consequência da desvalorização do magistério é o abandono da profissão, tal qual mencionado no tópico anterior. Segundo Carrasqueira e Koslinski (2021), esse fenômeno ocorre quando um professor deixa seu ofício, em decorrência única de sua vontade, sem a influência de eventual aposentadoria ou falecimento. Múltiplas são as condições capazes de impulsionar essa saída do educador,





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

porém, no que tange ao próprio sujeito, Souza, Brasil e Nakadaki (2017) apontam a realidade nas escolas públicas brasileiras se tornando uma das mais expoentes. Afinal, o trio de autoras expõe, com base no texto de Barbosa (2012), docentes que assumiram outros cargos na educação, diferentes dos de educador, pois, nesta nova função, recebiam maiores prestígio e valorização, tanto social quanto econômica, se comparados a sua situação antes.

Dessa forma, uma das razões citadas pelos educadores ao abandono à carreira, de acordo com Souza, Brasil e Nakadaki (2017, p. 62), é a busca por “uma vida social mais segura”, a qual permita ao profissional sustentar sua família e trazer qualidade de vida. Objetivos aos quais, por vezes, professores podem se ver impedidos de alcançar, mediante o salário recebido. É, portanto, nesse contexto de impossibilidade que a carreira começa a ser questionada e/ou modificada. O docente procura por melhores condições trabalhando em mais de uma instituição, pesquisando por um novo emprego ou, até mesmo, abdicando de sua função habitual. Todavia, funcionários os quais, mesmo diante desse estado de crise em relação a sua escolha profissional, decidem permanecer no magistério — frequentemente o fazendo com uma intensa jornada de trabalho —, precisam conciliar sua própria atuação com o progressivo desgaste físico e mental e a sequência de imposições da equipe escolar e do sistema educacional como um todo (Souza; Brasil; Nakadaki, 2017).

Porém, apesar da ocupação, em si, já apresentar considerável número de demandas, percebe-se que a vasta desvalorização da profissão e suas consequências somam a esse contingente, de maneira a se tornarem questões com as quais também é





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

necessário lidar. Sendo assim, a fim de possibilitar uma compreensão ampliada sobre o desprestígio, escolheu-se tratar, neste artigo, de três tipos principais: o econômico, o social e o psicológico; bem como seus respectivos impactos. Contudo, vale ressaltar que, ainda com a possibilidade de serem entendidas de maneira separada, essas categorias podem ser encontradas atuando de maneira conjunta nos desafios enfrentados pelo professorado diariamente.

Sobre o desvalor econômico, Santos (2015) elenca suas possíveis consequências. No tocante à exposição feita neste artigo acerca do abandono da carreira docente, foram apresentadas: a insegurança quanto ao fornecimento do sustento à família; e a necessidade de ter uma jornada intensa de trabalho, por vezes em mais de uma instituição, a fim de suprir os custos de vida. No entanto, o referenciado autor, complementa ao dizer que essa forma de desvalorização traz uma estagnação generalizada ao professor. Pela insuficiente remuneração, o acesso não só a bens materiais é restrito, como a culturais e ao lazer, vide a rotina cheia de trabalho. Além disso, o profissional perde a disponibilidade para aprimorar seus conhecimentos e prática com uma formação continuada ou especialização, de maneira a dificultar a interação com novas tecnologias. Esse cenário, pode, portanto, gerar um sujeito incapaz de seguir as inovações da educação, permanecendo, pois, na mesma posição, usando os mesmos métodos, em constante repetição.

A respeito da desvalorização social e suas implicações, Santos (2015) destaca, principalmente, a tendência ao decréscimo da estima do magistério socialmente. É traçada, ainda, uma projeção, informando o possível encaminhamento futuro a uma





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

depreciação ou total colapso docente. Contudo, a partir do ensaio de Souza, Brasil e Nakadaki (2017), depreendem-se mais alguns reflexos do descaso da sociedade — embora não sejam explicitamente direcionados ao professorado, mas à escola em si. Eles podem ser vistos, em especial, na infraestrutura das instituições as quais, não raro no sistema educacional brasileiro, fornecem condições de trabalho inadequadas. Por via desse desprestígio, comumente, são encontradas escolas da rede pública onde não há recursos didático-pedagógicos ou, quando há, estão desatualizados; e/ou colégios cuja própria estruturação física impede a obtenção de um ambiente propício ao ensino, tal qual ocorre na escassez de elementos básicos para o bem estar dos indivíduos ali presentes.

Logo, os impactos explicitados pelo trio de autoras — apesar de, reiterando, serem mais direcionados às escolas do que aos docentes — também podem atingir a vivência e a atuação do professor. Porque são capazes de refletir no nível de motivação tido pelo educador para compartilhar e construir saberes em sala de aula. Afinal, em um espaço caracterizado pela falta e pelo desamparo, o docente pode ser instigado a duvidar de seu papel e da decisão em segui-lo. Somando a questões de baixos salários e estima profissional - haja vista o estruturado e crescente desvalor social —, observam-se explicações para o já conhecido fenômeno: a abdicação da docência decorrente de uma procura por condições melhores.

No cerne do questionamento do educador sobre sua posição, atuação e papéis, nasce a interseção com o desvalor psicológico, e suas consequências podem, então, ser concebidas como produtos de uma “autodesvalorização” (Santos, 2015, p. 354). A escolha e identidade profissionais começam a perder o significado para o próprio professor.





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

Incapaz de atribuir sentido a suas práticas, a desistência da sequência ou aprimoramento pode se transformar em alternativas a serem pensadas. Santos (2015), inclusive, descreve que o docente passa a adotar uma postura menos ativa, tornando-se mais conformista e submisso, gradativamente caminhando em direção a um adoecimento físico e mental. A fim de complementar sua explicação, o referenciado autor, traz alguns dos sintomas comuns experienciados pelos educadores sofrendo com essa autodepreciação, são eles:

O adoecimento do profissional, a perda de perspectivas, de satisfação com os afazeres da profissão, desprazer, fadiga, desilusão, falta de orgulho e vontade em exercer a profissão, o que no conjunto, e com o tempo, gera a auto-desqualificação profissional (Santos, 2015, p. 355).

Sendo assim, evidencia-se que os reflexos da desvalorização psicológica, ou melhor, os dos múltiplos desvalores neste artigo citados e desenvolvidos não se abstêm a apenas fenômenos circunstanciais ou atitudinais, recebidos e administrados pelo indivíduo de maneira separada. Efetivamente, é perceptível que o professor está totalmente envolvido nessa situação, mesmo podendo não ser de sua vontade. Isso se revela através dos efeitos substanciais gerados no educador, especialmente em sua saúde, por ter uma experiência de profundo descaso. Afinal, está explícito o crescente desgaste que os sujeitos desta categoria profissional vêm coletando ao longo dos anos.

Portanto, um item mencionado no tópico anterior pode ser retomado a esta instância, devido a sua contribuição no adoecimento docente: a Síndrome de *Burnout*. Na revisão literária de Trigo, Teng e Hallak (2007), referenciando Cherniss (1980b) e World Health Organization (1998), é desenvolvida a concepção sociopsicológica do *burnout*.





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

Nesta perspectiva, são apontados três fatores que podem compor a síndrome: a exaustão emocional, o distanciamento afetivo ou despersonalização e a baixa realização profissional. A existência dessa tríade é motivada pela colaboração entre questões pessoais, ambientais e trabalhistas (Cherniss, 1980b; World Health Organization, 1998 apud Trigo; Teng; Hallak, 2007, p. 225).

A partir das características da Síndrome de *Burnout*, é possível comparar os sintomas e sentimentos vivenciados por educadores em esgotamento com aqueles ocasionados pela desvalorização do trabalho docente. A falta de energia, liderança, atitude, vigor, desejo e, sobretudo, sentido na profissão e nas relações tecidas em seu íntimo podem ser tanto indícios da síndrome quanto efeitos do desprestígio, haja vista a igualdade em comportamentos e desgaste. Dessa forma, pode-se considerar o *burnout*, se atrelado à desvalorização, como parte de seus impactos, sendo uma forma de adoecimento a que é acometido o professor mediante a situação vivida.

Assim, entende-se que os vários fatores os quais caracterizam o desprestígio são os mesmos capazes de desencadear a Síndrome de *Burnout*. Logo, a sua existência, pode envolver condições econômicas, sociais ou psicológicas, como foi desenvolvido na descrição sobre categorias do descaso e suas consequências. No entanto, concernente a causas da síndrome, Trigo, Teng e Hallak (2007) apontam, ainda: “o ambiente físico e seus riscos, incluindo calor, frio e ruídos excessivos ou iluminação insuficiente, pouca higiene, alto risco tóxico e até de vida” são parte dos elementos associados a índices superiores da síndrome, mediante às tensões causadas nos docentes (Trigo; Teng; Hallak, 2007, p.





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

227). Sendo assim, compreende-se que, além da citada tríade de condições propiciadoras do *burnout*, circunstâncias de ordem ambiental também fazem parte disso.

Tendo em vista a relevância do meio na integridade dos educadores e da escola, essa pauta retornará e será alicerçada ao estudo sobre a influência do trabalho em localidades hostis ou de risco na saúde mental dos professores. Será, pois, iniciada a discussão sobre adoecimento docente, com o intuito de descrever minuciosamente o declínio do bem-estar docente em decorrência de questões como a atuação em áreas demarcadas por violências.

#### **4. Adoecimento docente**

O adoecimento docente é caracterizado por:

Stress, depressão e agravos emocionais, processos de ansiedade, angústia, desânimo e apatia. Ainda foram manifestados o choro compulsivo, irritabilidade, cansaço extremo, agitação, baixa concentração e queda no desempenho profissional. Detectou-se também, os transtornos relacionados ao uso abusivo da voz, revelados através da rouquidão constante, dor na garganta, sensação de falta de ar, alterações no timbre, intensidade e altura da voz, e até perda temporária de voz (Bastos, 2009, p. 7).

Portanto, todos os sintomas supracitados qualificam o desgaste do professor, considerando a realidade de sobrecarga aliada à intensificação do trabalho — cuja incidência tem aumentado no decorrer dos anos. No que se refere a isso, Viegas (2022), aponta:





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

A crescente sobrecarga e intensificação presentes no trabalho docente têm sido associadas, em inúmeras pesquisas, ao aumento do estresse e ao adoecimento das professoras. Para citar apenas um exemplo, estudo do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul desenvolvido com apoio do Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho da UFRGS (CNTE, 2012) constatou que quase 50% das professoras poderia estar evidenciando algum tipo de transtorno psíquico. A grande maioria das docentes, mais de 70%, disse sentir-se nervosas, tensas ou preocupadas. A pesquisa mostrou um alto índice de problemas físicos e emocionais das trabalhadoras, como insônia, dores nas costas e cansaço (Viegas, 2022, p. 8).

Desse modo, entende-se que um dos principais fatores causadores do mal-estar docente é a intensificação das demandas do ofício, a qual, conforme já explicitado, é uma consequência da ampla desvalorização. Por isso, é importante ressaltar o contexto no qual tarefas se intensificam podendo ser compreendido enquanto a responsabilização inadequada de professores em sala de aula, como colocado por Louro (2009). Isso é sinalizado, por exemplo, na conotação maternizadora a qual o cuidar docente tem recebido. Além disso, nesse cenário, são englobadas as duplas ou triplas jornadas de trabalho e as atividades extracurriculares às quais educadores se veem obrigados a cumprir.

Segundo Viegas (2022, p. 3), “com efeito, a intensificação derivada dessas mudanças, ao exigir das professoras enorme esforço físico e psíquico, expõe as docentes a problemas de saúde”. Com base nisso, compreende-se que a intensificação instaurada e enraizada na profissão assume papel ativo no adoecimento de educadores por todo o país; porém, ele é apenas um dos fatores pelos quais esse fenômeno é composto. Para acessar a um vasto panorama acerca de tal acontecimento, é sugerida a expansão da perspectiva de forma a contemplar o meio em que a função tem sido executada. Neste





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

artigo, trazemos, pois, ao foco a atuação em locais onde há acentuada presença de violência e tráfico de drogas.

Referenciando, ainda, Viegas (2022, p. 7), observa-se que: “estes aspectos não são apenas externos aos trabalhadores, envolvendo também a forma como estes lidam com eles”. Sendo assim, interessa entender a relevância dos arredores da escola na maneira como professores irão agir durante as aulas, e, inevitavelmente, em como será mantida a saúde psicológica de tais profissionais, tendo em vista a função extra imposta: cuidar da integridade de seus alunos em circunstâncias extremas. Com relação a essas situações de risco, Moreira e Rodrigues (2018) relatam em sua pesquisa fundamentada em dados de entrevistas a docentes empregados nessa realidade, o seguinte:

Professores atribuem muitos desses problemas ao tráfico e consumo de drogas nas escolas e arredores. Sendo um problema difuso nas comunidades e difícil de ser controlado pelas escolas, o ambiente “permissivo” às drogas perpetua casos de abuso e violência, provocando medo e insegurança nos professores (Moreira; Rodrigues, 2018, p. 244).

Portanto, ambientes violentos localizados próximos a instituições de ensino têm causado um agravamento no desgaste de educadores e um impedimento à preservação do bem-estar dos aprendentes, ao estarem todos expostos à agressividade que rodeia o colégio. Partindo dessas informações, são criadas indagações a respeito da capacidade de docentes gerenciarem as emoções de estudantes frente a momentos de elevada tensão, quando suas próprias já estão desestabilizadas. Todavia, essas dúvidas não surgem com a intenção de ofender os profissionais, mas de alertar a entidades superiores a





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

necessidade de fornecer acompanhamento psicológico e atenção às demandas dos funcionários escolares, principalmente os de áreas consideradas arriscadas.

Relacionado aos questionamentos feitos, a dupla de autoras afirma, ainda, que:

Existe uma necessidade premente de atenção à saúde mental dos professores. Ao verificar que estas moléstias estão associadas ao ambiente laboral, faz-se crucial pensar em melhorias nas condições de trabalho destes profissionais, principalmente no que se refere à segurança, à ampliação do efetivo nas escolas, ao apoio institucional (Moreira; Rodrigues, 2018, p. 245).

Por outro lado, é imperativo haver o incentivo à desestigmatização de patologias psicológicas, afinal, as pesquisadoras, utilizando o conteúdo coletado em suas entrevistas, evidenciam que: “o agravamento da situação patológica do doente, que posterga o afastamento temendo ser objeto de preconceitos e retaliações” (Moreira; Rodrigues, 2018, p. 246). Inclusive, buscando entender a motivação para, atualmente, existir o sentimento de desconforto na exposição de uma certa fragilidade quanto à saúde mental, as referidas autoras destacam: “associa-se a isso o ambiente de violência e degradação de muitas comunidades, os professores sentem-se ameaçados no ambiente de trabalho, que deveria primar por condições adequadas ao exercício profissional” (Moreira; Rodrigues, 2018, p. 246).

## **5 Considerações finais**

De acordo com a revisão literária feita neste artigo, é possível compreender o porquê e de que formas a desvalorização profissional, a qual o magistério é acometido,





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

ocasiona o adoecimento de educadores. Existem ambiguidades no que diz respeito à percepção da sociedade sobre a educação e seus profissionais (Souza; Brasil; Nakadaki, 2017), e essa dicotomia pode gerar uma depreciação da profissão docente, a qual, por Santos (2015), foi atribuída a diversos tipos específicos de desvalor. Sendo assim, os desprestígios econômicos, sociais e psicológicos foram os mais aprofundados, levando em consideração a possibilidade de atuarem diretamente a favor do desgaste mental do professor.

Entende-se que a desvalorização econômica abala o psicológico do educador quando é preciso intensificar o trabalho a fim de obter um salário que supra suas necessidades básicas e lhe permita ter acesso ao lazer, em um cenário o qual evidencia a tendência da intensificação das tarefas consumir todo o tempo livre do profissional (Santos, 2015). Portanto, na medida em que o docente vive apenas em função da educação, sem dispor tempo para seu descanso, pode se tornar suscetível a adquirir a Síndrome de *Burnout*, uma das possibilidades de adoecimento.

O descaso social é outro fator fortemente capaz de gerar a degradação psicológica do profissional, tendo em vista a existência de uma pressão sobre os docentes para cumprirem as expectativas impostas pela sociedade no que se refere a transformar a vida de seus alunos (Prigol; Behrens, 2020). No momento em que esses objetivos não são alcançados, o professor pode se sentir desestimulado e ter sua autoestima afetada (Santos, 2015). Por isso, a depreciação da sociedade pode acarretar a autodesvalorização do profissional, promovendo adversidades a sua saúde mental.





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

Dessa forma, observa-se que cada uma das maneiras de desvalorização apresentadas por Santos (2015) e aprofundadas em conjunto a outros autores é desencadeada por diversos motivos, os quais se encontram em alguns pontos e podem causar uma consequência maior: o adoecimento docente. Dito isso, o bem-estar do professor depende de todo o contexto no qual a sua atuação está envolvida. Incluindo, ainda, a área geográfica na qual se insere e como se dá a manutenção de sua integridade nessa localidade.

Baseado nisso, compreende-se que um professor, ao trabalhar em uma região marcada pelo tráfico e/ou pela violência, pode sofrer mais riscos de adoecer. Pois sua responsabilidade é reforçada e intensificada pela necessidade de garantir a integridade física e mental dos estudantes e de si próprio. Afinal, o seu bem-estar está passível de comprometimento a todo momento por razões externas ao emprego, mas que, ainda assim, interferem-no. Logo, infere-se a possibilidade do profissional estar mais estressado e vulnerável emocionalmente, mediante às demandas de seu serviço, das quais não é munido de controle.

Por conseguinte, o abandono da profissão — classificado como a desistência ou troca de trabalho sem que haja motivações como aposentadoria ou falecimento (Carrasqueira; Kolinski, 2021) — pode tornar-se uma situação recorrente nesses casos. Considerando o profissional, desamparado por agentes superiores ou pela sociedade, ter de travar dilemas diariamente em um contexto hostil, o qual lhe impõe uma sobrecarga, assimilam-se as motivações as quais podem levar o educador a deixar seu ofício. Pois,





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

assim, encontraria a possibilidade de cuidar de seu psicológico, a fim de não adoecer gravemente.

Portanto, em síntese, entende-se que o meio social é um forte indicativo para o adoecimento dos educadores. Seja a baixa remuneração, o desprestígio da sociedade ou o descaso com sua saúde mental e física ao trabalhar em ambientes hostis, os profissionais, recorrentemente, demonstram estar desamparados e necessitados de um olhar cuidadoso. Porque, segundo Santos (2018), é preciso perceber a violência como algo mais que simplório a fim de compreender e analisar suas nuances.

## Referências

ARAÚJO, K.; PIMENTEL, A. **A educação como produto do capital: a improvável formação humana**. Editora Realize, III Congresso Nacional de Educação, n.d.

Disponível em:

<[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO\\_EV056\\_MD4\\_SA6\\_ID5433\\_03082016164342.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD4_SA6_ID5433_03082016164342.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2023.

BASTOS, J. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG**. MG, UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em:

<[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao\\_BastosJA\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_BastosJA_1.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARRASQUEIRA, K.; KOSLINSKI, M. **Abandono docente na rede municipal de educação do Rio de Janeiro**. Educação em Revista, v. 37, 2021. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/0102-469820527>>. Acesso em: 06 ago. 2023.

EVANGELISTA, O. **Faces da tragédia docente no Brasil**. Educação e Serviço Social: subsídios para uma análise crítica. Rio de Janeiro: Lumen Juris, p. 01-17, 2017.





**Lívia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

Disponível em: <[http://redeestrado.org/xi\\_seminario/pdfs/eixo3/68.pdf](http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo3/68.pdf)> Acesso em: 01 ago. 2023.

LOURO, G. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORI, Mary (org.) História das mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/DeimisonCosta/mulheres-na-sala-de-aula-guacira-lobes-louropdf>>. Acesso em: 04 ago. 2023.

MOREIRA, D.; RODRIGUES, M. **Saúde mental e trabalho docente**. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 23, n. 3, p. 236-247, set. 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2018000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2018000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 11 ago. 2023.

OLIVEIRA, L.; SILVA, L. **Burnout docente na educação básica: um olhar para os fatores de risco e prevenção apontados pela literatura**. Scientia Generalis, v. 2, p. 271-280, 2021. Disponível em: <<http://www.scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/205>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PRIGOL, E.; BEHRENS, M. **Educação Transformadora: As interconexões das teorias de Freire e Morin**. Revista Portuguesa de Educação, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 5–25, 2020. DOI: 10.21814/rpe.18566. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/18566>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SANTANA, R.; SANTOS, A.; FERNANDES, R.; CASTRO, R.; RAMOS, R. **Educação e a formação humana: Um estudo sobre a concepção de emancipação nos espaços educacionais** / Education and human development: A study on the concept of emancipation on educational spaces. Brazilian Journal of Development, [S. l.], v. 6, n. 7, p. 42282–42299, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n7-006. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/12482>>. Acesso em: 17 ago. 2023.





**Livia Vitória Silva**  
**Carla Velasco Ferreira Fulgêncio**  
**Fernanda Pereira Calabar**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / *Campus Nova Iguaçu*

SANTOS, C. **Prevalência de riscos psicossociais na categoria profissional docente: O caso dos professores da Escola EB 2, 3/S de Ourique**. 2018.

Dissertação (Mestrado em Segurança e Higiene no Trabalho) – Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal, 2018. Disponível em:

<[https://repositorio.ipbeja.pt/bitstream/20.500.12207/4820/1/Cristiano%20Santos\\_P DFA.pdf](https://repositorio.ipbeja.pt/bitstream/20.500.12207/4820/1/Cristiano%20Santos_P DFA.pdf)>. Acesso em: 3 ago. 2023.

SANTOS, W. **Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor**. Sapere Aude, p. 349-358, 2015. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/9764>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

SOUZA, J.; BRASIL, M.; NAKADAKI, V. **Desvalorização docente no contexto brasileiro: entre políticas e dilemas sociais**. Ensaios Pedagógicos, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 59–65, 2018. Disponível em:

<<https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/40>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

TRIGO, T.; TENG, C.; HALLAK, J. **Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos**. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 34, p. 223-233, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000500004>>.

Acesso em: 06 ago. 2023.

VIEGAS, M. **Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica**. Educação em Revista, v. 48, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/7Jx7mQXpBGZp5CLgcW94WHy/?lang=pt>>.

Acesso em: 10 ago. 2023.

Recebido em: 13/09/2023

Aprovado em: 15/05/2024



| João Pessoa-PB | v. 10 | p. 1-25, Jan./Dez., 2024.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.